

Pasolini: convergências, disparidades

A revista *Passagens* publica uma edição especial em dois números com um dossiê sobre Pasolini. Este volume I, “Pasolini: Convergências, Disparidades”, é resultado do seminário organizado pelos professores Manoel Ricardo de Lima, da UniRio, e Davi Pessoa Carneiro, da UERJ, na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em março/abril deste ano.

O encontro reuniu pesquisadores do Brasil e da Itália com o propósito de pensar *com* o poeta italiano Pier Paolo Pasolini [1922-1975] numa seriação imprevista e crítica entre o que vem como *convergência* e, ao mesmo tempo, como *disparidade*. Este volume remonta alguns dos textos apresentados e muito discutidos naquele momento. São ensaios que reaparecem como gesto: de Raúl Antelo, Beatriz Furtado, Luis Felipe Soares, Alessandra Vannucci, Vinícius Nicastro Honesko, Edson Luiz André de Sousa, Eduardo Sterzi, Leonardo Munk, Maria Betânia Amoroso, Angelo Fàvaro, Davi Pessoa Carneiro e Manoel Ricardo de Lima.

Alguns apontamentos foram essenciais para a elaboração do seminário, um deles é o poema “Il mondo salvato dai ragazzini” – poema-resenha de Pasolini sobre o livro homônimo de Elsa Morante, que lhe provocou um forte impacto porque ele também o leu como se fosse um “manifesto político” – e destaca, não sem ironia, uma das clausuras e impasses da formalização de nosso mundo contemporâneo: “As instituições são, de fato, comoventes (Pio XII proclamou)¹: sim, são comoventes, os homens se reconhecem nelas, e a vida, a vida humilde, sim, não se distingue delas, como a ninhada do ninho – até que nos reste.”² A quem se dirige esse poema? Aos jovens? A Elsa Morante? A uma exigência?

A partir daí, a pergunta que começamos a nos fazer ainda é: a quem se dirige um seminário, agora um dossiê inscrito, publicado, em torno do pensamento contraditório e potente de Pasolini diante de um tempo tão impaciente e insuspeito? A uma exigência?

¹ “Como as instituições são comoventes: e os homens / sabem apenas se reconhecer nelas. / São elas que os tornam humildemente irmãos. / Há algo de muito misterioso nas instituições / - única forma de vida e simples modelo para a humanidade - / que o mistério de um indivíduo, em confronto, é nada. // Poderia falar de ALGUÉM que foi raptado ao Terceiro Céu: / ao contrário falo de um homem fraco: fundador de Igrejas.” Trata-se de um fragmento do poema “L’enigma di Pio XII”, publicado em *Trasumanar e organizzar*. Milano: Garzanti, 2002, p. 23.

² PASOLINI, Pier Paolo. *Trasumanar e organizzar*. Milano: Garzanti, 2002, p. 34.

Se sim, a quais exigências? Por isso a ideia de confirmar o seminário, e agora este dossiê, se deu em nosso escritório cotidiano de conversa e aparente invenção, que fica no café de uma livraria da cidade, no Rio de Janeiro, porque estávamos diante das últimas provas de **Logomaquia**, o primeiro livro de poemas de Júlia Studart,³ quando ela escolhe, como contra-epígrafe para fechar o volume – entre “fagulha em movimento”, “grãozinho fatal” e “não acontece nada” – uma linha de Pasolini do poema *Progetto di opere future*: “Infine, ah lo so” – [*Por fim, ah, eu sei*]. Confirmamos ali, nesse contra-movimento, o nosso desejo para pensar COM Pasolini em meio ao esfacelamento quase generalizado de uma vida possível. E lembramos que, como vida possível, a convocação política e afetiva de Mário Faustino para uma imaginação crítica pode ser uma operação severa e necessária: “**fica a meu lado, agora**”.

Isto tudo é também liberar uma energia que se encontra confiscada nas armadilhas formalizadas que descartam toda legibilidade da “antiguidade de nosso presente”, como postulava Macedonio Fernández, ou da “força do passado”, como sempre disse Pasolini. Em outras palavras: combater, *arqueologicamente*, o fascismo (o novo fascismo, como ele preferia) de nossos dias, ou seja, essa espécie de perduração da guerra na (suposta e cínica) paz. Porém, sem a ingenuidade e comodidade de um antifascismo oportunista que “finge combater um fenômeno morto e sepultado, ou seja, arqueológico, que não pode mais causar medo em ninguém”, como ele ressaltou em “Fascista”, texto publicado em “L'Europeo”, em 26/12/1974.⁴ Pasolini argumenta que o fascismo, “na realidade, transformou [os jovens] em palhaços, em servos e, talvez, em pessoas convictas, mas não os havia tocado seriamente no fundo de suas almas e no seu modo de ser. Esse novo fascismo, a sociedade do consumo, ao contrário, transformou profundamente os jovens, tocou-os em sua intimidade, deu-lhes outros sentimentos, outros modos de pensar, de viver, ou seja, deu-lhes outros modelos culturais. Não se trata mais, como na época de Mussolini, de uma arregimentação real que roubou e mudou suas almas. Isso significa, definitivamente, que essa *civilização do consumo* é uma civilização ditatorial. Enfim, se a palavra fascismo significa a prepotência do poder, a “sociedade do consumo” realizou muito bem o fascismo.”

Assim, este dossiê que ora se publica refaz o percurso armado por aquele seminário, quando imaginamos, desde então, nos possibilitar algum confronto com as exigências de nosso presente, para sabotar, de todos os modos, a ideia de máquina que

³ STUDART, Julia. *Logomaquia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

⁴ Publicado posteriormente em *Scritti corsari*. Milano: Garzanti, 1975.

se estabelece e se monumentaliza como produtora de um presente cínico e de um futuro promissor.

Davi Pessoa Carneiro

Manoel Ricardo de Lima

(organizadores deste volume)